



EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



 EXTENSÃO
INSURGENTE



Universidade de Brasília

Reitora : Márcia Abrahão Moura
Vice-Reitor : Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora : Germana Henriques Pereira

Conselho editorial : Germana Henriques Pereira (Presidente)
: Ana Flávia Magalhães Pinto
: Andrey Rosenthal Schlee
: César Lignelli
: Fernando César Lima Leite
: Gabriela Neves Delgado
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
: Liliane de Almeida Maia
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira
: Roberto Brandão Cavalcanti
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



UnB

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

**Do centenário de Paulo Freire e
Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB**

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

(organizadoras)



Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Maria Thalita dos Santos Pessôa
Diagramação	Larissa Gomes dos Santos Viana
Fotos de capa	Paulo Freire Contemporâneo, frame de vídeo - Ministério da Educação, via Domínio Público Darcy Ribeiro - Cedoc - Arquivo Central UnB Universidade de Brasília - Beto Monteiro
	© 2023 Editora Universidade de Brasília
	Direitos exclusivos para esta edição: Editora Universidade de Brasília Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF CEP: 70910-900 Site: www.editora.unb.br E-mail: contatoeditora@unb.br
	Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educadoras e educadores brasileiros [recurso eletrônico] : do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB / (organizadoras) Catarina de Almeida Santos ... [et al.]. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2024.
170 p.

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-270-5.

1. Universidade de Brasília - História. 2. Educadoras - Brasil. 3. Educadores - Brasil. I. Santos, Catarina de Almeida (org.).

CDU 37 (81)



Sumário

Prefácio 7

Olgamir Amancia Ferreira

Os 60 anos da Universidade necessária e as educadoras e os educadores brasileiros 11

Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Paulo Freire: educando para a libertação 21

Cristiano Garboggini Di Giorgi
Andréia Nunes Militão

Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano 37

Maria Zélia Borba Rocha

Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista 57

Diogo Valença de Azevedo Costa

Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas 75

Alyanne de Freitas Chacon

Formação social, estado e educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento 93

André Luis Pereira
Camilla Meneguel Arenhart



Nise da Silveira: uma educadora rebelde 111

Felipe Magaldi

Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer 129

Samantha Lodi-Corrêa

**Os 60 anos da UnB no centenário de Darcy Ribeiro
e a necessária luta por um novo amanhecer** 149

Catarina de Almeida Santos

Andréia Mello Lacé

Ana Maria de Albuquerque Moreira

Danielle Xabregas Pamplona Nogueira

Um posfácio, um convite ao inacabamento 157

Andressa Pellanda

Nise da Silveira e a humanização da doença mental 161

Franklin Chang



Os 60 anos da UnB no centenário de Darcy Ribeiro e a necessária luta por um novo amanhecer



*Catarina de Almeida Santos
Andréia Mello Lacé
Ana Maria de Albuquerque Moreira
Danielle Xabregas Pamplona Nogueira*

A primeira obrigação da comunidade de professores e alunos da UnB é olhar para frente e prefigurar, aqui e agora, utopicamente, o que dentro de dez anos, de vinte anos, a UnB há de ser. Fixar metas e lutar por elas com clareza sobre os objetivos a serem alcançados; sobre a utopia a ser cumprida (Darcy Ribeiro, 1986, p. 9)

O ano que marca os 60 anos da Universidade de Brasília também celebra o centenário de seu criador, Darcy Ribeiro. Além disso, coincide com o ano do Bicentenário da Independência do Brasil e dos dez anos da lei de cotas sociais e raciais. Apesar das necessárias comemorações das conquistas aqui citadas, nosso grande desafio neste e nos vindouros, é continuar lutando pela construção do país que Darcy Ribeiro sempre buscou.

Ele nos ensinou que a “nossa tarefa é o Brasil, mas a nossa missão fundamental para que o Brasil se edifique para seu povo é a liberdade” (Ribeiro, 1986, p. 28), ou seja, a democracia. Nesses tempos conturbados de ataque ao Estado democrático de direito e suas instituições, de negação da ciência, a educação e, sobretudo, as universidades públicas têm sido atacadas de todas as formas. A UnB e seu pioneirismo têm sido uma das mais atacadas, carecendo de forte união de sua comunidade para resistir e defendê-la. E aos que tentam destruí-la, é oportuno lembrá-los do que nos ensinou Darcy: “não se equivoquem, porém, pensando que a Universidade de Brasília já foi ou só foi. A UnB é e sempre será nossa maior ambição” (Ribeiro, 1986, p. 6). Lutar por ela é lutar por um país sem atraso, não ser conivente com a elite que usurpa as riquezas do Brasil e de sua gente. A nossa sexagenária, nas palavras de seu criador, “é a ambição mais alta da inteligência brasileira;

é o nosso maior sonho. Esta é a utopia de quem, entre nós, tem cabeça para pensar este país e senti-lo com o coração” (Ribeiro, 1986, p. 6).

Uma universidade de tal envergadura não seria idealizada por alguém comum, mas por um homem visionário. Como descreveu Candido Alberto Gomes, não era apenas só, eram vários.

Como a singularidade é pobre, constituía uma pluralidade de seres em apenas um. Por isso, certa vez, num discurso, comparou-se a uma cobra com várias peles (Ribeiro, 1992).

Ao longo da vida, vestiu várias delas, algumas ao mesmo tempo: foi pelo menos educador, antropólogo, indigenista, escritor de ficção e político. Por dentro dessas peles, ele era singular: apaixonado por tudo o que escrevia e fazia, sonhador, orador que sacudia corações e mentes, idealista que não ficava só nos ideais, era construtor de sonhos na prática (Gomes, 2010, p. 11).

Esse também foi o ano das eleições para presidente da República e governadores, sendo as mais importantes desde a redemocratização. Essas eleições demarcaram não apenas a vitória da democracia no processo eleitoral, mas também revelaram um país dividido, com uma significativa parte da população sendo embalada por discursos de lideranças extremistas e defendendo o indefensável, contrariando a perspectiva de um Estado democrático de direito e dos direitos humanos fundamentais. No prefácio da edição brasileira do livro de Yascha Mounk, *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*, é ressaltada a importância de todos os brasileiros e brasileiras que reconhecem o perigo representado por Bolsonaro e seu projeto, e que estão implicados não apenas na defesa da liberdade individual, mas também do coletivo, trabalharem juntos, apesar de suas diferenças políticas. Todo o resto – taxas de impostos mais justas, direitos sociais, os limites do Estado de bem-estar social – só poderão ser debatidos depois de afastar esse perigo iminente. Afirma ele que:

a probabilidade de um populista causar um estrago duradouro no grau em que um país pode ser considerado democrático é quatro vezes maior do que a de outros tipos de governantes eleitos. Apenas uma pequena minoria de presidentes e primeiros-ministros populistas deixa o governo por perder eleições livres e justas ou chegar ao fim do mandato. Quase metade conseguiu mudar a Constituição para se conceder poderes expandidos. Muitos restringem significativamente as liberdades políticas e civis desfrutadas por aqueles sob seu governo. E embora, na campanha, não raro prometam erradicar a corrupção, os países que governam ficaram, em média, mais corruptos (Mounk, 2019, p. 10).

O centenário Darcy Ribeiro (1986) sempre nos apontou que a tarefa das nossas universidades era pensar o Brasil e defender a democracia. Em tempos nos quais a liberdade está em perigo, elas precisaram se articular diante da ameaça e dos ataques à democracia, além da Proposta de Lei Orçamentária que propôs uma redução de 84,4% no orçamento das universidades e institutos federais, sendo 6,2% só para a UnB. O slogan dos 60 anos

da UnB, “atuante como sempre, necessária como nunca”, precisa se transformar em ações diuturnas, especialmente frente aos desafios que temos para reconstruir o país e suas bases democráticas. Como disse a reitora Márcia Abrahão, trata-se de resgatar a Universidade necessária de Darcy Ribeiro, reforçando “sua característica institucional de resistência e, ao mesmo tempo, projetar o futuro da UnB. É uma mensagem fundamental para o momento atual de desvalorização da educação e da ciência, mas também de reconhecimento à posição vanguardista da UnB”.

O ano de envio da versão final deste livro é 2023, ano que demarcou a posse do atual Presidente da República. A Praça dos Três Poderes e toda a Esplanada lotadas de pessoas celebrando a esperança de tempos melhores. No entanto, também demarcou, em 8 de janeiro, umas das cenas mais violentas e estarrecedoras de nossa história. Centenas de pessoas, lideradas por empresários-extremistas, desrespeitando os resultados eleitorais e a Constituição da República Federativa do Brasil, vandalizando os maiores símbolos do Estado Constitucional: o Congresso Nacional, o Palácio do Planalto e o Supremo Tribunal Federal. Como aponta Mounk (2019), se existem décadas que parecem intermináveis devido ao caráter prosaico da passagem do tempo, tendo em vista a normalidade dos acontecimentos e a cultura, a sociedade e a política seguem seu curso mais ou menos normal,

existem também anos breves em que tudo muda abruptamente. Novas figuras políticas tomam o palco de assalto; eleitores clamam por políticas públicas que até o dia anterior eram impensáveis; tensões sociais que por muito tempo fervilharam sob a superfície vêm à tona numa explosão terrível; e o sistema de governo que antes parecia inabalável dá sinais de que vai desmoronar (Mounk, 2019, p. 15).

Este parece ser o tipo de momento em que vivemos atualmente. Como ressalta o autor, se até há pouco tempo a democracia liberal reinava absoluta e a maioria dos cidadãos parecia profundamente comprometida com sua forma de governo, o que vivenciamos atualmente parece se tratar de tempos extraordinários. Não só pelo apertado resultado das eleições, a despeito de todas as agruras que vivenciamos no governo Bolsonaro, mas também pelos atos pós-período eleitoral, em que muitos eleitores insatisfeitos ocuparam rodovias e portas de quartéis, pedindo o fim da democracia por meio de um golpe de Estado.

O desenrolar das primeiras semanas do ano e do novo governo revelou que o abismo em que o país se encontra e os crimes cometidos pelo governo do ex-chefe da nação tiveram dimensões mais profundas e devastadoras do que já imaginávamos. A negligência intencional com os povos Yanomamis figura entre as mais dolorosas e perversas ações, e estarreceu a sociedade brasileira e mundial. A ganância desmedida, especialmente de garimpeiros e seus aliados, como anuência e participação dos membros do poder executivo, legislativo e judiciário, contaminou rios e terras, e violentou crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. O absoluto abandono do Estado vivenciado pelos povos indígenas, além da convivência com os que lucram com a morte da natureza e seus defensores, mostrou ao mundo as condições de adoecimento, desnutrição e morte em que se encontravam os Yanomamis. No início

da década de 1990, o nosso homenageado, Darcy Ribeiro, que dedicou a vida pensando no Brasil, em suas profundezas e peculiaridades, já apontava a ganância de fazendeiros e garimpeiros como uma preocupação para esse povo.

A demarcação das terras indígenas foi garantida na Constituição de 1988, que delegou à União a obrigação de realizá-la e protegê-la. O art. 231 garante aos indígenas “os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, protegê-las e fazer respeitar todos os seus bens” (Brasil, 1988). Conforme consta no § 2º, apenas os povos indígenas podem usufruir das riquezas do solo, dos rios e dos lagos das terras por eles ocupadas. A demarcação administrativa da Terra Indígena Yanomami, nos estados de Roraima e Amazonas, foi homologada pelo Decreto nº 25 de maio de 1992 e, como apontou Darcy, desagradou aos poderosos. Disse Ribeiro:

lamentavelmente, sinistras vozes se levantam, querendo revogar a demarcação dessas terras. O ardil de que lançam mão é propor que se dê, a cada uma das centenas de aldeias, pequenas ilhas, deixando os garimpeiros e fazendeiros entrarem entre elas. Isso seria destruir todos os liames da unidade tribal, seria levá-los ao extermínio (Ribeiro, 2016, p. 45).

A negligência do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro com os Yanomami reflete-se em seu Projeto de Decreto Legislativo nº 365 de 1993, o qual visa tornar sem efeito o decreto mencionado anteriormente, acabando assim com a demarcação das terras estabelecidas. Em seu discurso no Plenário, no dia 15 de abril de 1998, quando era deputado, Jair Bolsonaro declarou:

até vale uma observação neste momento: realmente, a cavalaria brasileira foi muito incompetente. Competente, sim, foi a cavalaria norte-americana, que dizimou seus índios no passado e, hoje em dia, não tem esse problema em seu país – se bem que não prego que façam a mesma coisa com o índio brasileiro; recomendo apenas o que foi idealizado há alguns anos, que seja demarcado reservas indígenas em tamanho compatível com a população (Bolsonaro, 1998).

Darcy Ribeiro nos alertou de que os fazendeiros e os garimpeiros rapidamente destruiriam as terras, as águas, a flora e a fauna com o mercúrio, despovoariam as terras de índios e até mesmo caboclos, tudo para satisfazer um sistema econômico que busca manter as pessoas vivendo em condições de miséria.

Pessoas que não se preocupam com o fato de que particulares tenham propriedades de até 1 milhão de hectares, que as mantêm inexploradas numa operação puramente especulativa, não estão dispostas a dar aos índios aquilo que é a condição de sua sobrevivência: terras que a nossa Constituição reconhece que são deles. Para isso estão dispostos a levá-los ao extermínio (Ribeiro, 2016, p. 45).

Assim, os textos reunidos neste livro, resultante do curso ofertado, foram redigidos por educadoras e educadores comprometidos com a transformação do cenário atual, buscando compreender nossas universidades e sociedades do presente, com os olhos postos nas formas que umas e outras deverão assumir no futuro. O verdadeiro tema é o trânsito entre o hoje e o amanhã, no curso do qual as universidades deverão antecipar formas que só amadurecerão lentamente, fazendo-o passo a passo com a sociedade e como um dos instrumentos básicos de sua transfiguração.

Para além do prefácio da professora Olgamir Amância, decana de extensão da UnB, que traz um olhar acurado e generoso sobre o livro, bem como sobre a importância e a potência da Universidade de Brasília, há também o posfácio, intitulado “Um posfácio, um convite ao inacabamento”, da coordenadora geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Andressa Pellanda. Primeiramente, o livro apresenta um capítulo introdutório, no qual as autoras/organizadoras, Catarina Santos, Andréia Lacé, Ana Maria Moreira e Danielle Nogueira, apresentam o cenário político de organização e oferta do curso que originou a proposta do livro, além de discutirem seus resultados. Ao contextualizarem o curso e sua oferta, elas destacam Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, idealizadores da Universidade necessária e atuante, nos seus 60 anos de existência. Era necessário que a Universidade cumprisse seu papel primordial, defendido por ambos: ofertar um curso que, em momentos de negação da história e da ciência, mostrasse que nossas lutas vêm de longe. As problemáticas que vivenciamos, sobretudo nos últimos anos, têm raízes históricas e seus algozes continuam na ativa, com voraz sede de poder.

O Patrono da Educação Brasileira, primeiro educador a ser estudado no curso, abre a primeira seção de artigos sobre as educadoras e os educadores trabalhados. O texto “Paulo Freire: educando para a libertação” não poderia faltar nesse livro, um educador que, assim como a autora Andréia Nunes Militão e o autor Cristiano Garboggini Di Giorgi, busca mostrar e influenciar diversas áreas do saber e da atuação social progressista. Sua concepção de mundo e de ser humano é radicalmente humanizadora, tornando-o um autor imprescindível na transformação do mundo em nossa época, abrangendo tanto o âmbito educacional quanto o político.

No texto sobre o educador Anísio Teixeira, intitulado “Do direito à educação à Universidade de Brasília no pensamento anisiano”, a professora Maria Zélia Borba aborda não só o papel de Teixeira para o direito à educação, mas também o da própria UnB. A autora afirma que a luta de Anísio pela educação “não se tratava apenas de uma causa política, mas sim de uma missão civilizatória”. Para ela, a UnB foi pensada por Anísio e Darcy para que fosse capaz de impulsionar o crescimento, o desenvolvimento e a modernização do Brasil. Nesse sentido, ela compreende que, a partir dos estudos, é possível afirmar que a Universidade de Brasília tem contribuído para o tema do direito à educação por intermédio de ações educacionais de sua iniciativa.

O professor Diogo Valença, em seu texto intitulado “Florestan Fernandes e a educação: da Campanha de Defesa da Escola Pública à construção de uma pedagogia socialista”, traça a trajetória do educador que atuou em diversas frentes e sempre esteve engajado na defesa

da escola pública. Na sua exposição, Valença nos brinda com o lugar que a educação teve nas investigações sociológicas de Florestan Fernandes, bem como sua compreensão do fenômeno educacional como uma das dimensões dos processos sociais. O texto também nos oferece a caracterização teórica de Florestan sobre o “dilema educacional brasileiro”, além de destacar a sua participação na Campanha de Defesa da Escola Pública. As mudanças de rumo em seu pensamento educacional, especialmente após militar no movimento da reforma universitária, e a reconstrução de sua concepção pedagógica libertária e socialista não ficaram de fora deste texto.

O papel fundamental da educadora Potiguar Nísia Floresta é tratado no texto “Nísia Floresta: autobiografia, pesquisas e perspectivas”, da professora Alyanne de Freitas Chacon. O texto mostra como, em uma época em que as mulheres eram criadas apenas para servir aos maridos, Nísia reivindicava uma educação digna para o sexo feminino e escrevia sobre temas como indianismo, nacionalismo, positivismo, escravidão e até a situação à qual a mulher era submetida pela sociedade machista da época. Tida como uma mulher à frente do seu tempo, Nísia Floresta se debruçou sobre questões culturais importantes, o que fez com que fosse considerada por muitos como a primeira feminista do Brasil.

O essencial papel de Abdias do Nascimento, ator, poeta, escritor, dramaturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis e humanos das populações negras brasileiras, na luta contra a violência e a dizimação do povo negro, é retratado no texto “Formação Social, Estado e Educação brasileira: o projeto quilombista como alternativa civilizatória e pedagógica em Abdias do Nascimento”, de André Luís Pereira e Camilla Meneguel Arenhart. Nele, os dois professores apontam o pensamento de Abdias do Nascimento sobre educação, bem como demonstram que o projeto civilizatório proposto pelo intelectual encontra eco, principalmente, entre a população negra brasileira.

A trajetória e importância da médica Nise da Silveira, bem como sua atuação como educadora e suas ações humanísticas no campo da psiquiatria, são abordadas no texto “Nise da Silveira: uma educadora rebelde”, escrito pelo pesquisador Felipe Magaldi.

Magaldi busca mostrar em seu texto como, ao longo do século XX, as veredas abertas por Nise da Silveira permitiram a articulação de diferentes saberes e práticas. Notavelmente, a médica educadora incorporou a psicologia junguiana, além de terapêutica ocupacional, filosofia, artes plásticas, antropologia, literatura, teatro, cinema, entre outros campos. O autor também chama atenção para a relação dela com um campo menos abordado em sua trajetória: a educação.

O último texto que trata das educadoras é da professora pesquisadora Samantha Lodi-Corrêa, intitulado “Anália Franco: a educadora que o Brasil precisa conhecer”. Nele, a autora mostra como Anália foi uma mulher que levou a sério a situação do país e as necessidades diretas da população mais pobre, mas, principalmente, abordou a situação da mulher. A igualdade entre os sexos e a igualdade de oportunidades estavam diretamente relacionadas à liberdade, que só se constituiria seguindo pelo caminho seguro da educação do povo.

Como anexo, temos o texto “Nise da Silveira e a humanização da doença mental”, de Franklin Chang. Nele, o autor mostra como a dra. Nise revolucionou o campo da psiquiatria no tratamento das doenças mentais graves, sendo pioneira no Brasil na utilização de atividades criativas, tais como pintura, modelagem, canto, teatro, dança, entre outras, no tratamento terapêutico da psicose, esquizofrenia e outras severas doenças mentais. Para o autor, Nise preferiu focar no lado saudável da psique humana, e não no doentio. Apesar de parecer se tratar de uma sistematização de dados, este é o primeiro componente do curso ou a primeira aula sobre a educadora. Ele foi complementado na segunda aula, objeto do texto de Felipe Magaldi.

É nesse sentido que apresentamos o livro, e esperamos que, nesses tempos de luta, mas também de conquistas e comemorações, este livro seja um esperançar, na perspectiva freiriana. Destacamos que as necessárias comemorações apontadas aqui, sejam elas dos educadores, da UnB, da Lei de Cotas e do Bicentenário, foram e continuarão a ser demarcadas pela luta na construção de um mundo justo, fraterno e inclusivo. O tempo de celebrar foi também um momento para enfatizar ideias e ideais que permanecem como horizontes. Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, as coisas findas e sensíveis devem continuar inquietando pensamento e ação. Os olhares atentos, cuidadosos, firmes e dedicados às diversas causas, e especialmente à educação, reafirmam a luta incansável para que os direitos, duramente conquistados, se concretizem de forma plena.

A nossa luta de ontem, hoje e sempre será por uma sociedade democrática, por um país justo, feito por todos e para todos nós. Nossa luta será pela vida digna dos povos originários, da população negra e das pessoas que não fazem parte dos grupos privilegiados. Será contra o sistema que continua submetendo os trabalhadores e trabalhadoras a condições degradantes e ao trabalho análogo à escravidão. Será contra todas as formas de violência que subjuga e mata pessoas pretas, LGBTQ+, mulheres, crianças, adolescentes e jovens. Nossa luta será pela construção de um novo amanhecer, no qual a xenofobia e o extremismo sejam combatidos e punidos com o rigor da lei.

A Universidade necessária e atuante está comprometida, nos seus anos vindouros, com o amanhecer de um Brasil mais inclusivo, participativo, multicultural, democrático e sustentável. A UnB de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, nos seus 60 anos e mais, continuará trabalhando hoje para o florescimento de um novo amanhã, pois o *futuro é agora*.

Além do enorme orgulho da nossa sexagenária, é uma imensa alegria comemorar o centenário do nosso idealizador, Darcy Ribeiro, que se autodenominava um escritor abundante e desinibido, e que dizia que escrever e falar de si mesmo era a tarefa que mais lhe agradava. Em um dos seus escritos, ao se perguntar por que necessitava falar tanto de si, responde:

vaidade, de certo. Admito com toda a desfaçatez, que gosto demais de mim e que me acho admirável. Creio mesmo que todo modesto tem razão: cada um sabe de si. O diabo é que ninguém me adianta as expressões de admiração a que faço jus. Injustiçado, entro na liça para tomar o que é meu: a admiração alheia. Não precisava ser assim, mesmo porque gozo de algum prestígio, principalmente entre jovens, que são a gente que mais me importa. Mas sou insaciável (Ribeiro, 2009, p. 13).

Nós, que fazemos parte da gente jovem que o admira e reconhece sua generalidade, não temos dúvidas de que, sem ele, sua luta, visão e persistência, não estaríamos nesta Universidade necessária, inovadora e fundamental para o Brasil. Organizamos e entregamos para a sociedade brasileira este livro, resultado do curso de extensão Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB. Entregamos, sabedoras da sua importância em um país que ainda não fez as pazes com sua história e memória, ao trazer contribuições de algumas educadoras e educadores e suas lutas por uma gente que, apesar de ter construído e continuar construindo o Brasil, tem suas vidas diuturnamente ceifadas e sua história invisibilizada. Desejamos a todas as pessoas uma ótima leitura.

Referências

BRASIL (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal.

BRASIL (1992). *Decreto de 25 de maio de 1992*. Homologa a demarcação administrativa da Terra Indígena Yanomami, nos Estados de Roraima e Amazonas. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/dnn/anterior%20a%202000/1992/dnn780.htm. Acesso em: 3 fev. 2023.

BOLSONARO, J. Discurso proferido em Plenário, no dia 15 abril de 1998. In: *CÂMARA DOS DEPUTADOS (Brasil). Diário da Câmara dos Deputados de 16 de abril de 1998*. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD16ABR1998.pdf#page=33>. Acesso em: 3 fev. 2023.

MOUNK, Yascha. *O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la*. 1. ed. Tradução: Cassio de Arantes Leite; Débora Landsberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RIBEIRO, Darcy. *Universidade para quê?* 4. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1986.

RIBEIRO, Darcy. *O Brasil como problema*. 1. ed. [digital]. São Paulo: Global Editora, 2016.

RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. 4. ed. Rio de Janeiro: Apicuri; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.

GOMES, Candido Alberto. *Darcy Ribeiro*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 2010.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCADORAS E EDUCADORES BRASILEIROS

Do centenário de Paulo Freire e Darcy Ribeiro aos 60 anos da UnB

Este livro nasceu do compromisso deixado pelos dois maiores idealizadores da Universidade de Brasília, que são referências para todos nós: Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Eles tinham o objetivo de fazer da UnB uma grande referência no papel de pensar o Brasil, pautar os temas nacionais e ajudar a buscar soluções para transformar a realidade do povo brasileiro. Trata-se de um livro que resulta do curso de extensão intitulado Educadoras e educadores brasileiros: do centenário de Paulo Freire aos 60 anos da UnB, ofertado em 2021, quando o Brasil e o mundo estavam imersos na maior crise sanitária do nosso tempo: a pandemia de covid-19. Estávamos em busca de caminhos, enfrentando o negacionismo daqueles que deveriam estar à frente dos problemas, o qual trouxe graves consequências, vitimando mais de 700 mil vidas e deixando sequelas graves para a sociedade como um todo. O referido curso de extensão tratou da vida, da obra e das contribuições de educadoras e educadores do Brasil, que foram e são tão importantes para nos ajudar a pensar em caminhos, propostas, ações e políticas para os diferentes problemas do país, em sua imensa riqueza cultural, de modo a combater e reverter suas desigualdades. É um livro que, assim como a UnB, está comprometido com um novo amanhecer, em um país mais inclusivo, participativo, multicultural, democrático e sustentável.

EDITORA



UnB

